Indolente ou laborioso? A construção de sentidos na e/imigração portuguesa para o Amazonas

Paulo Marreiro dos Santos Júnior
PUC/SP – FAPEAM

Desde a colonização, e mesmo depois da Independência do Brasil (1822), a e/imigração portuguesa para o estado do Amazonas, no norte do país, foi majoritária. Diferente de outras regiões brasileiras que tiveram maior incidência de imigrantes de outras nacionalidades.

Essa presença portuguesa – em maior medida – deixou reflexos na historiografia e nas memórias e imaginário das populações do Amazonas, principalmente nas de Manaus, capital do estado.

Na parca historiografia local,[1] os portugueses têm sido ressaltados como ícones da tríade *trabalho*, *poupança* e *ascensão social*, associados também a outros símbolos como os de "hábitos sofisticados",[2] civilizadores, povoadores, robustos, laboriosos, disciplinados, representações grafadas pela História, corroborando com a idéia de que o português era o que havia de melhor para ocupar e fazer progredir a região.

---

1 Se considerações sobre a insuficiência de estudos sobre e/imigração portuguesa para o sudeste do Brasil tornam-se ainda realidade, para o Amazonas eles são muito mais escassos. Na região há estudos sobre sírios, libaneses, palestinos, ingleses, franceses, japoneses e judeus, entre outros imigrantes de menor ou maior influência. Para portugueses são raros os capítulos ou reflexões em bibliografias que tenham por interesse outras temáticas. São necessárias pesquisas que iluminem a presença da maior quantidade de imigrantes da região: os portugueses.

2 BAZE, Abrahim. *A Chegada da República*. Disponível em: <portalamazonia.globo.com/detalhe-artigo.php?idArtigo=243>.

De forma semelhante, a memória, a rememorização entre gerações e o senso coletivo têm reforçado o ideário da histórica presença portuguesa na região: do labor intenso, do comedimento, do investimento vitorioso, do acúmulo patrimonial.

Mas, o que tem sido hegemônico na historiografia e senso locais, é produto de construção de sentidos ou de "verdades" discursivas historicamente formuladas?

Mesmo o sentido de "verdade" é "fruto de um processo coercitivo e produtor de efeitos regulamentados pelo poder".[3] O que se entendeu enquanto fato inquestionável de uma época foi expresso na ilusão de domínio da origem de um discurso, determinado também historicamente, produzindo sentidos com conseqüências no passado e no presente.

O enfoque dado à e/imigração portuguesa para a região, no âmbito local, vem sendo formado por modelos discursivos, estabelecendo sentidos hegemônicos, quase uníssonos, pautados em mecanismos de consentimento e de proibição, às vezes de imposição, determinando o que é e o que não é permitido no discurso, o que será ou não será afrontoso à comunidade portuguesa e seus descendentes da região.

A produção de sentidos, resultado da experiência da e/imigração portuguesa para a região, vem deixando suas marcas, pois foram construídos em contextos de disputas de poder, de desejos, refreando outras "verdades" de intuitos similares.

O discurso é também experiência, é ato, acontecimento, não é neutro. A produção do discurso e do sentido se dá na "relação".[4]

Sob esse viés teórico, objetiva-se analisar outras "verdades", outros "discursos" e "sentidos", tendo por base outras "relações" em outros contextos, entendendo que a historiografia e o imaginário coletivo locais são um dos caminhos. Há outros que, a respeito da e/imigração portuguesa, foram na contramão do discurso do laborioso, disciplinado e civilizador.

Similitudes à indolência, ao desregramento, à covardia, ao desalento, à malandragem e ao descompromisso foram traçadas sobre o mesmo processo

---

3 FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. [S.l.]: Graal, 2004.

4 LOPES, Luis Manoel. *Teoria do sentido em Deleuze*. Disponível em: <www.ufsj.edu.br/ Pagina/anais/Arquivos/luiz.pdf>.

histórico. Discursos de origens diferentes, de além-mar, objetivando finalidades díspares.

O "SENTIDO" NA IMIGRAÇÃO

No final do século 19 o Brasil era visto como o país do amálgama das raças. No ponto de vista das autoridades, esse hibridismo influenciaria as relações socioculturais e econômicas, os hábitos, costumes, condutas e as relações de poder. O progresso, a civilização, a ordem, o futuro do país estavam comprometidos. Autoridades, intelectuais, cientistas nacionais discutiam as formas de transformação de "um típico país miscigenado".[5] Essa percepção não se restringia aos debates internos.

Ao longo do século 19, naturalistas – em busca da fauna e flora – veicularam suas interpretações sobre as formações étnicas, sociais e culturais brasileiras. Por onde passaram, registraram seus olhares intimamente ligados aos tipos humanos nacionais, produzindo reflexões teóricas sobre o tema. No estado do Amazonas, ao norte do Brasil, não seria diferente.

Segundo o viajante inglês Henry Walter Bates, a região amazônica, em meados do século 19, passou a ser o paraíso científico dos naturalistas.[6] Eles tinham por objetivos centrais "classificar, ordenar, organizar em mapas e coleções o que se encontra pelo caminho" [7] a respeito da fauna e da flora. Mas, além de atenderem às suas motivações botânicas e zoológicas, tais naturalistas preocuparam-se em descrever hábitos, costumes, religiosidade, cultura, relações de trabalho, miscigenações e origens étnicas, entre outras características dos habitantes. Foram elaborados diagnósticos que tiveram como conseqüência a formação de opiniões sobre a ocupação humana na região amazônica. Sob o tema, os portugueses tornar-se-iam personagens significativos.

---

5 LACERDA. In: SCHWARCZ, Lílian Moritz. *O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. 5. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 11.

6 COSTA, Hideraldo Lima da. Amazônia: paraíso dos naturalistas. *Amazônia em Cadernos*, Manaus, n. 6, p. 229-70, jan./dez. 2000. p. 235.

7 Ibidem, p. 238.

Na região do Amazonas, as seqüelas socioculturais produzidas pela mestiçagem, conforme o discurso dos naturalistas, atingiam tonalidades próprias, provocadas pela degradação do indígena, do tapuia e do caboclo. Homens e mulheres amazônicos eram rotulados pelos seus aportes culturais e raciais.

Chama atenção o fato de que, na quase totalidade das vezes em que os viajantes referiram-se aos habitantes da região, enfatizava-se que eles eram parte dos grandes empecilhos, chegando mesmo a funcionar como entraves para o seu desenvolvimento. Este raciocínio era válido em relação a todos os tipos humanos, desde os indígenas, fossem eles destribalizados ou não, passando pelos mestiços nos seus vários cruzamentos, atingindo também os negros.[8]

Na concepção dos viajantes europeus, o ser amazônico não correspondia à tipologia biológica e sociocultural admissível para povoar, explorar e fazer progredir a região. Na produção dos discursos, os sentidos alinhavam-se ao selvagem, primitivo, rude e preguiçoso.

Os Agassiz, quando chegaram à região (1865-1866), iluminaram o povoamento da Amazônia como um problema. A maior presença do índio e as daí resultantes miscigenações representavam uma dificuldade a mais perante o resto do país.

O juízo construído por antropólogos, etnógrafos sociais e demais estudiosos frisava o grau de inferioridade intelectual do indígena e suas variantes, como as aptidões muito limitadas e o difícil caminho à civilização. Era ele a "base da pirâmide humana concebida em moldes evolucionistas".[9] Para os Agassiz, o rótulo da degeneração amazônica tinha também como alicerce o não dito: a ausência do elemento caucasiano.

> Outra particularidade que igualmente impressiona o estrangeiro é o aspecto fraco e depauperado da população. Já o havia assinalado anteriormente; mas, nas províncias no Norte [do Brasil], isto é bem mais impressionante que nas do sul. Não se trata apenas de ver crianças de todas as cores: a variedade de coloração testemunha, em toda sociedade em que impera a escravidão, o amálgama das raças ... É como se toda pureza de tipo houvesse sido destruída, daí resultando um composto vago, sem caráter e sem expressão. Essa classe híbrida, ainda mais marcada

8 COSTA, Hideraldo Lima da. Amazônia: paraíso dos naturalistas. *Amazônia em Cadernos*, Manaus, n. 6, p. 241, jan./dez. 2000.

9 SCHWARCZ, Lílian Moritz, citada, p. 75.

> na Amazônia por causa do elemento índio, é numerosíssima nas vilas e nas grandes plantações.[10]

Anteriores aos Agassiz, Martius e Spix (1817-1820) também estiveram na região estudando-a. Refletiram sobre a situação de "inferioridade" dos indígenas e as miscigenações resultantes, concluindo que nem as ações das autoridades, nem a cristandade – apesar dos esforços – teriam capacidade de transformar homens e mulheres amazônicos para que esses alcançassem o nível sociocultural em conformidade com os anseios locais e do Estado brasileiro.

> Nem os sentimentos cristãos dos reis nem a bem intencionada disposição dos estadistas, nem a proteção e poder da Igreja puderam levantar os índios do Grão-Pará do estado selvagem em que foram encontrados, para os benefícios da civilização e do bem-estar cívico; como dantes permanece essa raça rebaixada, sofredora, sem significação no conjunto dos outros, joguete dos interesses e da cobiça de particulares, um peso morto para a comunidade, que de má vontade a suporta.[11]

Tapuias de "qualidades físicas e morais" semelhantes às do "indígena do interior", mamelucos das cidades e nativos com "inflexibilidade de caráter", incapazes "de se adaptar a novas situações", "população não ... genuinamente adaptada à região",[12] essas foram algumas das conclusões de outro naturalista que diagnosticou de forma desqualificadora as populações amazônicas: o inglês Henry Walter Bates (1848-1859).

Para Bates, tornava-se necessário extinguir – sem "lamentações ou condolências" [13] – os estratos da "raça rebaixada". Nessa finalidade, o naturalista foi categórico quanto à solução: "seria através dos processos constantes, sucessivos e ininterruptos de maciças mestiçagens".[14]

A inserção do imigrante europeu na região corresponderia às necessidades ocupacionais, civilizatórias e etnológicas, ilustradas por estrangeiros e aceitas – com adaptações – por autoridades e intelectualidade locais. Mas, quais

---

10 Casal Agassiz. In: COSTA, Hideraldo Lima da, citado, p. 243.

11 Martius e Spix. In: COSTA, Hideraldo Lima da, citado, p. 246.

12 Henry Walter Bates. In: COSTA, Hideraldo Lima da, citado, p. 247.

13 Ibidem.

14 Ibidem, p. 246.

europeus e que mecanismos de atração seriam utilizados para despertar o fascínio do imigrante por uma região aparentemente inóspita e selvagem?

A promessa de terras, lucros fáceis e trabalho em abundância era propagada por delegações locais para países da Europa Continental. No entanto, o clima quente e úmido, a densa vegetação, as cidades pouco populosas e muito distantes entre si, a economia pouco dinâmica e as relações de parentesco mais raras tornaram a vinda de múltiplas nacionalidades européias difícil para a região do Amazonas. Populações da Europa Central, do Norte e mediterrânea buscaram o litoral do país, as campinas do Sul, São Paulo e circunvizinhanças.

Estratégias de captação de imigrantes estavam contidas na Lei nº 8, de 21 de setembro de 1892, na qual o governador Eduardo Ribeiro ficou autorizado a conceder passagens de terceira classe gratuitas a bordo de navios a vapor, da Europa ou da América do Norte rumo ao Brasil, para todo artífice que desejasse fixar-se na região. Os benefícios de transporte eram estendidos às famílias do pretendente. No primeiro mês, enquanto não se acomodassem, tinham direito a alojamento e a uma diária de 2$000 réis.[15]

Foi nessa busca pela europeização da região que os portugueses tiveram papel preponderante. Acrescenta-se ainda a força com que as idéias eugênicas penetraram e ganharam corpo no seio das elites dirigentes que viam uma possibilidade de "melhorar a qualidade" da população amazônica, principalmente no período da economia da borracha, mediante o incentivo à colonização européia, de preferência ibérica.

Os argumentos de Augusto Ximeno Villeroy – governador do Estado do Amazonas (4 jan. a 2 nov. 1890) – apresentados em comunicação premiada que procurava responder "como se deve povoar o solo amazônico", partiam de uma avaliação negativa da população regional, salvaguardando a figura do imigrante português como representação de "ordem", "critério" e "seleção":

> A nacionalidade brasileira resulta de uma mistura de raças, ainda não fundidas intimamente, o que será o trabalho dos séculos, de modo que etnograficamente não constituímos ainda – um povo; conseqüentemente, seria um erro aumentar a desordem existente, importando colonos a esmo, sem critério, sem seleção; por-

15 Coleção de Leis 1892, 1901. In: MESQUITA, Otoni Moreira de. *Manaus*: história e arquitetura 1852-1910. Manaus: Edua, 1997. p. 227.

tanto, para não alterar o caráter fundamental da nacionalidade nascente, convém limitar a colonização aos povos ocidentais, especialmente ibéricos...[16]

Após essas considerações gerais, o governador concluía ressaltando o caráter arrojado e empreendedor dos portugueses e recordando que a colonização da região fora feita por Portugal, portanto haveria uma essência cultural que facilitava a identificação mais rápida do colono com a geografia e as culturas do novo meio, evitando-se traumas maiores de adaptação. Assim, para Villeroy era incontestável que: "esta raça preenche todas as condições para viver, crescer e progredir no meio amazonense. Inútil expender aqui argumentos para demonstrar uma verdade sentida por todos, brilhantemente atestada pela nossa história e pela pujança da colônia portuguesa da Amazônia, principal esteio do seu comércio".[17]

Nas últimas décadas do século 19, tais considerações foram decisivas para as vantagens de portugueses sobre os naturais no Amazonas, principalmente no mundo do trabalho. Na dicotomia labor e indolência, os discursos de época construíam sentidos que – na sua influência – determinavam escolhas. As prioridades de trabalho para portugueses tornavam-se evidentes nos classificados de Manaus: "prefere-se português".[18]

Inúmeras profissões tiveram portugueses e portuguesas como preferências generalizadas na região. Amas-secas lusitanas eram requisitadas pelas donas-de-casa mais ricas de Manaus, conforme consta nos anúncios e nos *precisa-se* publicados nos jornais da época.[19]

Também pelo peso das determinações eugênicas, portugueses disseminaram-se com sucesso na vida do Amazonas, sobretudo na capital: eram carregadores e catraieiros do porto, carroceiros, padeiros, vendedores ambulan-

---

16 VILLEROY, A. X. Como se deve povoar o solo amazônico. In: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros*: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925). Manaus: Ed. Ufam, 1999. p. 109.

17 Ibidem, p. 110.

18 "Caixeiro – Na Mercearia Alfacinha precisa-se de um de 12 a 15 anos; prefere-se português". *Jornal do Commércio do Amazonas*, 14 fev. 1899. In: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte, citada, p. 110.

19 BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: formação social e cultural. Manaus: Valer; Edua, 1999. p. 72-3.

tes, pescadores e seus barcos, horticultores e verdureiros nos arrabaldes da cidade, pedreiros, ferreiros, carpinteiros, serralheiros e mestres-de-obras, que ajudaram a construir, com os seus ofícios, os prédios da cidade, além de barbeiros, bordadeiras, costureiras, lavadeiras e cozinheiras,[20] uma teia de relações profissionais e de sociabilidades que geraram juízos favoráveis ao imigrante português pela sua adequação ao labor.

Essa preferência dada a muitos dos trabalhadores portugueses, em detrimento dos locais, gerava protestos, paralisações e sentimentos xenófobos. Em 1911, em Manaus, estivadores nativos, nordestinos entre outros nacionais, realizaram uma série de protestos contra a crescente contratação de estivadores portugueses.[21]

Empresas como Booth Line, Companhia do Amazonas e Armazéns Andressen, entre outras, alegavam que os estivadores portugueses tinham melhor robustez e aptidão. Contratavam cada vez mais estrangeiros, mesmo em descumprimento aos dispositivos legais contidos nos *Estatutos dos Armazéns Alfandegados*, os quais estabeleciam que "os brasileiros natos são os que devem ser os preferidos para o serviço".[22]

Com o auge do período da Borracha (1890-1910), as oportunidades se multiplicaram na região. Nas principais cidades do Amazonas, como Manaus, a economia se expandiu possibilitando novos investimentos. Como era a maior comunidade de imigrantes do estado, os portugueses consolidaram as relações de parentesco, de solidariedade e mesmo de exploração entre seus membros.

Tendo por base princípios eugênicos que foram gerados por discursos e, por sua vez, fortaleceram outros discursos, construindo sentidos favoráveis, associados aos créditos fornecidos e à confiabilidade hegemônica fincada na tríade "trabalho, poupança e ascensão", os portugueses realizaram investimentos, acumulando patrimônios e reforçando o senso comum na relação significante–significado,[23] na qual se solidificaram as associações *português–trabalho*, *português–esforço*, *português–acumulação material* e *português–sucesso*.

---

20 BENCHIMOL, Samuel, citado, p. 72-3.

21 PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte, citada, p. 111.

22 Ibidem.

23 FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. (Tradução de Salma Tannus Muchail). 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 59.

Com tendência pelos bens imóveis, portugueses abastados incluíram-se no mercado imobiliário, transformando-se, assim, em rendeiros e senhorios de casas, vilas e estâncias.

Com a expansão da economia da borracha alguns portugueses passaram a controlar parte do comércio lojista, além de padarias, armazéns e mercearias. A ponto de levar o cônsul português em 1916 a afirmar que "a colônia portuguesa em Manaus [possuía] mais da metade da propriedade urbana, que [rendia] anualmente a Portugal cerca de mil contos fortes".[24]

Sobre a exteriorização do crescimento socioeconômico e dos signos deixados por certos estratos portugueses, a historiografia local transformou-se em um mecanismo de potencialização, reforçando o ideário sobre a imigração lusa, mesmo em momentos de crise:

> Quando a crise chegou, a partir de 1911, os empresários portugueses em muito contribuíram para a sobrevivência das cidades de Belém e Manaus e o seu interior, através de suas casas aviadoras, dos navios de seus armadores, dos seus armazéns de estivas e fazendas e do seu comércio de importação e exportação, em substituição às lideranças anglo-germânicas do período áureo. Não eram numerosos apenas no alto comércio das ruas Marechal Deodoro, Guilherme Moreira e Marcílio Dias, em Manaus, ou nas ruas 15 de Novembro, João Alfredo e Boulevard Castilho França, em Belém, onde se localizavam os seus principais estabelecimentos e escritórios.[25]

Mesmo os portugueses de menores posses tiveram suas ações perpetuadas pela história local, vendo-se espalhados "por toda a cidade, com seus estabelecimentos localizados nas esquinas das ruas da cidade".[26]

> Essas esquinas e *cantos* de rua constituíam pontos estratégicos para fundação e operação do mercado varejista nos ramos de *secos e molhados* e de serviços: mercearias, bares e botequins, quitandas, açougues e padarias. Muitos deles, após longos anos de diuturno trabalho, com a ajuda de suas esposas e filhos, conseguiam amealhar alguma fortuna para permitir uma viagem a Portugal, de férias, para manter os vínculos familiares d'além-mar, para educação dos filhos em escolas portuguesas, remessa de mesada para seus parentes, regressando muitos deles definitiva-

---

24 SIMÕES, V. Daquém & Dalém Mar. In: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte, citada, p. 108.

25 BENCHIMOL, Samuel, citado, p. 73.

26 Ibidem.

mente às suas aldeias, onde adquiriam as suas *quintas,* deixando aos filhos, já brasileiros, a tarefa de continuar os seus negócios em ... Manaus.[27]

Em regiões como o Amazonas e suas cidades, onde houve a primazia do domínio colonial português e onde também se formara uma forte comunidade lusitana, até mesmo em maior quantidade, era de esperar que essa presença fosse bastante marcante para a historiografia e memória locais. A Tabela 1 mostra a entrada de portugueses com diferença expressiva frente aos demais imigrantes, em um período de início de declínio da chegada de estrangeiros à região.

Tabela 1 – Imigração estrangeira no quadriênio 1908-1911

Nacionalidade	Imigrantes	%
Portugueses	9.008	46,3
Espanhóis	2.809	14,4
Ingleses	1.294	6,6
Turcos-árabes	974	5,0
Franceses e alemães	907	4,7
Italianos	830	4,3
Norte-americanos	564	2,9
Outros	3.081	15,8
Total	19.467	100

Fonte: Annuario Estatístico do Brasil (1908-1912).
Tabela sobre Movimento Imigratório Internacional.[28]

Na historiografia, na memória e no imaginário coletivo ficaram registrados os estereótipos da imigração lusa. Cristalizaram-se trajetórias de portugueses bem-sucedidos, que ampliaram seus patrimônios no transcorrer das gerações. Uns permaneceram na região, outros retornaram à pátria endinheirados: os "brasileiros de torna-viagem". Uns ou outros deixaram vestígios de seu sucesso nos elegantes palacetes, nos empreendimentos, na benemerência.

Historiografia, memória e imaginário regionais esqueceram-se dos que viveram a vergonha do fracasso, da miséria, das expectativas malogradas, dos que dilataram as estatísticas da criminalidade, do vício, os "freqüentadores as-

27 BENCHIMOL, Samuel, citado, p. 73.

28 Annuario Estatístico do Brasil, 1º anno (1908-1912). Rio de Janeiro: Typographia Estatistica, 1916. In: SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História Econômica da Amazônia*: 1800-1920. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. p. 88.

síduos dos cárceres". A parte da imigração lusa que – juntamente com outros – se tornou alvo da higiene social, do conjunto dos indesejáveis, "afastados da representação idealizada de mão-de-obra superior, promotora do progresso, que compunha os discursos imigrantistas na época imperial".[29]

Assim, a imigração portuguesa para o Amazonas apareceu com um sentido de verdade, incisivamente universal, ignorando – em contrapartida – outras vontades de verdade, discursos, ou contradiscursos, as palavras excluídas do circuito do poder.[30]

O SENTIDO DA "EMIGRAÇÃO"

O espírito humano é naturalmente levado a supor que há nas coisas mais ordem e semelhança do que possuem; e, enquanto a natureza é plena de exceções e de diferenças, por toda parte o espírito vê harmonia, acordo e similitude.

Bacon[31]

Na história dos portugueses que chegaram ao Amazonas, o que possibilitaria os múltiplos olhares, a diversidade de leituras, o foco sobre as diferentes experiências foi substituído pela semelhança, pelo hegemônico, oficial, unilateral, apoiados no tripé "trabalho, poupança, ascensão social".

No entanto, na história dos mesmos portugueses que saíram de sua pátria as perspectivas foram diferentes. Entre imigrantes e emigrantes os estereótipos foram construídos de forma diametralmente oposta: de otimista a pessimista, de desbravador a covarde, da credibilidade ao descrédito, do esfor-

---

29 SCOTT, Ana Silvia Volpi. As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil (décadas de 1820-1930). In: CONGRESSO DE HISTÓRIA ECONÔMICA DE ZARAGOZA, 2001. Sesion: Las Migraciones a América. Universidad de San Pablo – CEU.

30 FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. (Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio). São Paulo: Loyola, 1996. p. 20.

31 BACON. *Novum Organum*. In: FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. (Tradução de Salma Tannus Muchail). 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 71.

ço ao desânimo, do empreendedor ao desalentado, da solução ao problema, de pujante a patológico, de "imigrante laborioso" a "emigrante indolente".

Quando se analisam as fontes históricas da segunda metade do século 19, portuguesa e brasileira, comparando os discursos oficiais e as bibliografias que refletiram sobre o período em ambas as nacionalidades, parece haver um maniqueísmo romântico de oposição entre o bem e o mal, o imigrante e o emigrante.

O *Diário de Manáos* possibilita fazer uma leitura sobre a construção dos discursos dicotômicos em relação ao migrante português. Em sua coluna "Chronica da Europa" relatavam-se as novidades da Europa, principalmente comentários sobre o conteúdo dos jornais do Porto e de Lisboa. Nessas duas cidades havia um correspondente de imprensa do *Diário*, que enviava por carta os temas mais relevantes observados no jornalismo português.

Na coluna "Chronica da Europa" [32] percebe-se que havia dissonância entre as ponderações oficiais sobre a necessidade da imigração européia para o Amazonas/Brasil, priorizada no português, e os rótulos dados ao emigrante no momento de saída de Portugal.

Em 24 de maio de 1891, uma notícia do Porto veio frisar o descontentamento dos detentores dos discursos com a saída de portugueses de seu país. Conforme a coluna, os agricultores eram os que mais buscavam alternativas em países estrangeiros. Porém, na mesma coluna explicita-se a queixa pela falta de razão para a emigração: eram "trabalhadores bem pagos", entre outras características que surpreendem o leitor habituado a outros perfis do migrante português.

> Até agora, havia gente para os trabalhos agrícolas que era bem paga; para futuro é natural que também tenhamos de promover a inmigração de hespanhoes que se promptificam a trabalhar por muito menos e talvez que com mais assiduidade, porque esses sabem melhor do que os nossos as cores que tem a miséria.
>
> Esta tirada vem a pello, para mostrar que a inmigração dos nossos agricultores não provem da miséria e da desgraça do paiz, mas dos desatinos praticados por elles. O solo é uberimo [*sic*, ubérrimo] e feracíssimo e o subsolo é riquíssimo como poucos. Com menos ambição e mais senso comum, podíamos viver muitíssimo mais independentes e sermos muito mais respeitados.[33]

---

32 *Diário de Manáos*. Chronica da Europa, 2 jul. 1891. Laboratório de Imprensa da Ufam.

33 Ibidem.

O direcionamento do texto descrito em um periódico do Porto (Portugal) é absolutamente antagônico aos da imprensa brasileira, especialmente a amazonense. O emigrante passa a ser visto como representação do não-trabalho, mesmo sendo ele "bem pago".

A construção do texto ressalta a indisposição ao labor, de tal forma que seria necessário incentivar a "inmigração de hespanhoes". O trabalhador português passa a ser visto como aquele que descumpre suas funções, que não honra com seus compromissos, que descumpre as normas vigentes, inadimplente com o horário da labuta, pouco assíduo.

O texto deixa claro que a miséria não foi um problema para o agricultor português, pelo contrário, a falta de desventura contribuiu para a ausência das características associadas ao trabalhador ideal.

Para o periódico do Porto, compilado pelo *Diário de Manáos*, a emigração de braços em busca de novas oportunidades não se justifica em Portugal, pois o país não se encontra em crise socioeconômica, ao invés disso, ressalta-se toda uma dinâmica de bem-aventuranças. Nesse contexto de viabilidades, o que explica o descompromisso dos agricultores são os "desatinos praticados por elles".

A ação de emigrar torna-se um delírio, um desvario, sem motivos nem propósitos, sobretudo para o agricultor, pois o solo português é fértil, pronto para ser trabalhado, com riqueza até mesmo do subsolo. Esse mesmo agricultor emigrante, idealizado pela proposta ocupacional amazonense, teve sua similitude voltada para a figura pejorativa do ambicioso, do que anseia auferir grandes lucros com pouco esforço, que não prioriza o coletivo, o nacional, o bem comum, antes segue sua cobiça pessoal, o interesse apetitoso do enriquecimento fácil. Nas descrições portuguesas sobre seus emigrados, não existem os referenciais que englobam "trabalho, poupança e sucesso".

Compreendendo o contexto português do final do século 19, pode-se decifrar o direcionamento que se objetivava dar na construção do texto, no ordenamento do sentido.

Portugal vivia nesse momento uma tentativa de reafirmação perante a crise socioeconômica e seu principal credor: a Inglaterra. A saída em massa da figura masculina, e em idade produtiva, significava que os objetivos de reafirmação nacional não seriam alcançados. Logo, o contra-discurso aos emigrantes.

Outro fator eram os *deficits* populacionais que estavam sendo gerados com a emigração, tendo em vista que os emigrantes não eram somente agricultores, mas citadinos também. Essa deficiência demográfica estava gerando falta de consumo e declínio na atividade comercial interna.[34]

A figura do campesino português, idealizado para objetivos de progresso, civilização e ordem no Amazonas/Brasil, passa a ser vista de maneira burlesca em Portugal.

No *Diário de Manáos*, anedotas – de autores e periódicos portugueses – eram reproduzidas para a diversão ou confusão dos leitores locais, uma vez que os conceitos adquiridos do elemento português para o Amazonas eram uns, para as autoridades e intelectualidades portuguesas eram outros. Na coluna "Arabescos" (*Diário de Manáos*) podem-se encontrar figuras típicas das pilhérias portuguesas, como o José da Cartuxa e seus familiares:

> O José da Cartuxa era um dos muitos pequenos fazendeiros que há em Collares, a risonha, pittoresca e fértil villasita, que fica para lá de Cíntia, a menos de uma légua de distancia e que fornece a Portugal um dos seus mais estimados vinhos de mesa, as mais formosas melancias que se comem em Lisboa, uns pecegos magníficos, grandes, carnudos, aveludados, que podem pedir moças nos pecegos de Alcobaça: os mais afamados de terras portuguezas...[35]

O autor luso Gervásio Lobato continua a aventura do personagem José da Cartuxa contextualizando-o: possuidor de um terreno situado ao caminho da Praia das Maçãs, pequeno agricultor de uvas, pêssegos, maçãs e pêras, que eram vendidas no mercado de Cintra.

Sendo o trabalhador idealizado pelo discurso de reafirmação nacional português, José da Cartuxa conservava economias, que fizeram "rapidamente" aumentar seu patrimônio agrícola, "fizera dar alguma coisa". Contudo, o oposto cômico da personagem principal era seu pai, o centenário Manoel da Cartuxa,

---

34 ALVES, Jorge Fernandes. Atalhos batidos: a emigração nortenha para o Brasil. *Atalaia*, Revista do Cictisul (centro interdisciplinar de ciência, tecnologia e sociedade da universidade de Lisboa), Lisboa.

35 *Diário de Manáos*. Arabescos: Uma tragédia. O defeito de José da Cartuxa. Manaus, 10 jul. 1891, Laboratório de Imprensa da Ufam.

> esse importava-se pouco com as terras, [e possuía] um ardente amor pela ociosidade. Esse amor foi augmentando dia a dia, á proporção que o pecúlio diminuía. Quando elle acabou de todo, o Manoel da Cartuxa viu que não tinha remédio senão tratar da existência. Procurou então o modo de vida que mais se coadunava com o seu gênero de trabalho favorito – não fazer nada. E encontrou-o, casando com uma lavadeira, que trabalhava por elle e por ella, e que ganhava rios de dinheiro a lavar no rio. O Manoel da Cartuxa continuou no seu *dulce far niente*, até lhe nascer o primeiro e único filho desse enlace [José da Cartuxa].[36]

Manoel da Cartuxa, após o nascimento de seu filho, interessou-se pelo trabalho, porém "em casa nunca ninguém viu as cruzes do dinheiro que ele ganhava. Quem via essas cruzes era o taberneiro da Várzea, e foi embalsamado em vinho que o Manoel da Cartuxa conseguiu viver até aos 102 annos".[37]

O antagonismo geracional é perceptível, Manoel da Cartuxa (pai) o significado da ociosidade, malandragem, do não-trabalho, da boemia, do indolente. José da Cartuxa (filho) do labor, da economia, do progresso e do sucesso. O "pai" é o significante de uma geração que não se desejava para Portugal, fora da ideologia de renascimento nacional, o antigo, atrasado, incivilizado. O "filho" torna-se o presente-futuro, a reconstrução de contexto socioeconômico caótico.

Todavia, quando o autor dá a entender que a geração do final do século 19 portuguesa era o símbolo de um recomeço cultural e socioeconômico, o leitor é surpreendido com a imagem oculta de José da Cartuxa. O filho ícone do "trabalho, economia e crescimento material" é revelado um jogador inveterado, "desde o principio do anno" comprando todas as loterias cindo tostões de sortes, e nem uma só com o mesmo dinheiro".[38]

Essa anedota transmite a idéia de descrédito da intelectualidade e das instituições com sua população portuguesa. Tem-se uma idéia de sociedade indefinida quanto ao futuro, "país adiado", "dependente", nação "doente", de "fugitivos".[39] Sobre essa visão diferenciada de imigrantes para emigrantes portugueses, a historiografia lusa destacou suas impressões. Conforme esses au-

36 *Diário de Manáos*. Arabescos: Uma tragédia. O defeito de José da Cartuxa. Manaus, 10 jul. 1891, Laboratório de Imprensa da Ufam.

37 Ibidem.

38 Ibidem.

39 ALVES, Jorge Fernandes, citado.

tores, "os portugueses sempre procuraram fora do seu país a solução para os seus problemas internos".[40]

Para a política amazonense de imigração, a saída de portugueses de sua pátria representava espírito empreendedor, aventureiro. Porém, para a intelectualidade portuguesa afirmava-se que, "Como notou António José Saraiva, em vez de se empenharem em desenvolver Portugal, preferiram investiram em expedições, conquistas além-mar ou mesmo na emigração. Ora, à medida que prosseguiram nesta prática foram-se tornando cada vez mais pobres e dependentes do exterior".[41]

Para os contemporâneos do período da emigração, Portugal tornou-se "um país sempre adiado". E o português, nas palavras de Jaime Cortesão, quando se trata de erguer o seu país revela uma enorme indolência: "O nosso grande mal é uma doença da vontade cujos sintomas se chamam o desalento, o pessimismo, o abandono fatalista, uma inerte covardia e a falta de confiança no esforço próprio".[42]

A emigração fazia parte da cultura do português, de tal modo que o filosofo José Gil afirmou que "o princípio de autoridade está em crise. A única coisa que persiste é a propensão para cumprir ordens mais do que para mandar". Onde estava o português audaz, baluarte do progresso para a Amazônia? Entre o emigrante e o imigrante há contextos diferenciados que propuseram discursos com finalidades específicas.

Assim, na dicotomia dos discursos, os portugueses (em Portugal) – muito diferentes dos lusos da Amazônia, "tinham medo de existir, receio em afirmar-se. Uma doença que os leva a condescenderem com actos que mereciam a ser reprovados, abdicando desta forma dos seus direitos e deveres de cidadania".[43]

Mesmo os conceitos de patologia social, cunhados para a Amazônia, tendo como parâmetros a população local, tiveram sua aplicabilidade para

---

40 ALVES, Jorge Fernandes, citado.

41 Ibidem.

42 CORTESÃO, Jaime. Da Renascença Portuguesa e seus intuitos. In: ALVES, Jorge Fernandes, citado, p. 4.

43 ALVES, Jorge Fernandes, citado.

Portugal e seus emigrados. Para os discursos intelectuais a emigração foi apresentada como "patologia social da nação portuguesa".[44]

Dessa forma, a "patologia" da emigração pode ser entendida como um fenômeno estrutural endêmico,[45] por razões demográficas e econômicas. Tal fenômeno se agravou com o progressivo desequilíbrio e agravamento das estruturas socioeconômicas da formação social portuguesa, na qual a agricultura teve um papel marcante. A estrutura agrícola ao sul do rio Tejo caracterizou-se por uma excessiva concentração da propriedade, enquanto no norte de Portugal se formulou a fragmentação da terra, deixando por isso grande parte da população com uma pequena porção de área de plantio, ou desprovida dela.

Com isso o consumo foi prejudicado por uma queda de produção, não havendo, portanto, possibilidade de excedentes necessários à reprodução. Sobre esse quadro caótico, somaram-se as dificuldades de melhoramentos das técnicas tradicionais de produção.

Tais elementos seriam os eleitos para que a intelectualidade e as autoridades portuguesas vissem com olhos depreciadores a população dos campos, projetando sobre ela os rótulos que no Amazonas foram precipitados às populações tradicionais: preguiça, itinerância, descompromisso, indolência.

Não somente o emigrante dos campos foi associado a agentes patológicos sociais, o das cidades também. Cidades litorâneas, como Lisboa e Porto, foram incapazes de proporcionar trabalho à imensa população rural que para elas convergia.

A conseqüência foi o aumento da emigração. Essa tinha um perfil eclético quanto aos emigrantes, desde agricultores pobres, perpassando por especializados tecnicamente, até pequenos empreendedores que, desejosos de prosperarem noutras localidades, decidiram emigrar.[46]

> Portugal emigra sem saber para onde vai; como a maior parte dos povos que emigram, impelidos pela necessidade ... Mas outrora, a emigração era quase exclusivamente rural; hoje, as cidades também emigram, porque o mal dos campos as

---

44 ALVES, Jorge Fernandes, citado.

45 CAEIRO, Domingos. Uma imagem/viagem na emigração portuguesa para o Brasil. Disponível em: <www.geocities.com/ail_br/umaimagemviagemnaimigracao.htm>.

46 SCOTT, Ana Silvia Volpi, citado.

invadiu também, e Lisboa como o Porto estão dando a hora presente um forte contingente à emigração.[47]

Dessa forma, um conjunto de imagens passou a ser construído sobre o emigrante português. Este, rural ou urbano, tornou-se portador de signos construídos através de representações de semelhança, formas esboçadas pelo discurso.

A leitura feita sobre a intelectualidade e as autoridades portuguesas, da segunda metade do século 19, alicerça-se nas identidades criadas e projetadas sobre seus emigrantes. Os discursos construídos passaram por cima das especificidades de cada caso ou, pelo menos, de categorias de análise. O signo *emigrante português* teve como pano de fundo similitudes, com formatos previamente estabelecidos. Paralelo ao tripé "trabalho, poupança, riqueza" que representava o imigrante português que chegava ao Amazonas, edificou-se sobre o mesmo emigrante as imagens de "indolência, desperdício e miséria".

O DISCURSO, O SENTIDO E A SIGNIFICAÇÃO

O discurso está na ordem das leis.

Foucault [48]

O intuito deste artigo é a análise do discurso em sua materialidade verbal ou escrita, pois o discurso é carregado de poderes que produzem imaginários de perigo ou segurança, ameaça ou confiança, inquietação ou tranqüilidade, sensibilidade ou indiferença, interação ou exclusão.

As palavras, especialmente quando oficiais, têm a capacidade de proliferação. Manipuladas no campo das idéias, modificam hábitos, costumes, convenções sociais, padrões de conduta. Pois os discursos produzidos são contro-

---

47 CHAGAS, 1897. In: CAEIRO, Domingos, citado.

48 FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. (Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio). 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001. p. 7.

lados, selecionados, organizados e redistribuídos, causando experiências cotidianas.

A imagem do e/imigrante português foi se desenvolvendo historicamente, chegando a significados, tendo como influência a multiplicidade de fatores contextuais: a ciência, a modernidade, as teorias sociais, o urbanismo e concepções de trabalho, entre outros.

O que deve chamar a atenção é que os signos produziram sentidos, e estes alcançaram significação. Ou seja, quando proliferou o discurso pelo qual o imigrante português era laborioso e o emigrante era indolente, uma via foi construída e na trilha desta algo foi dito, expresso, traduzido. Portugueses lá e cá passaram a ter tipologias, características, marcas reconhecíveis.

Assim, o discurso passou a dizer o que eles eram, sendo os e/imigrantes os significantes e os estereótipos os significados, sobrepondo assim as identidades individuais e as diferenças.